

algo de muito semelhante, a nível sonoro, com os seus instrumentos predilectos. A abordagem 'off-off-off' que faz dos cordofones — tanto assim que alguns maldizentes chegaram a pôr em dúvida, inclusive, a sua habilidade para dedilhar — sempre 'pediu' o seu relacionamento com improvisadores do mesmo calibre. Paul Lovens, com quem emparceira em "Patrizio" (Les Disques Victo, 1997), é com certeza um dos mais adequados, dado o seu gosto pela experimentação de sons e a criança abismada que nele empunha as baquetas da bateria ou o arco com que 'ataca' o seu velho serrote ferrugento, ou melhor, o 'violino' dos circos de todo o mundo. Aqueles que fazem questão de coleccionar os discos mais representativos de cada nome da nebulosa das músicas criativas encontram em "Patrizio" (homagem aos empregados de mesa dos restaurantes terráqueos, diz o subtítulo do álbum) o melhor dos exemplos quanto ao que é improvisar a dois, taco a taco. E nem faltam as canções, deliciosamente foleiras... REP

ANNA HOMLER, GEERT WAEGEMAN & PAVEL FAJT  
Corne De Vache  
CD Les Disques Victo, 1997 — VICTOCD 047

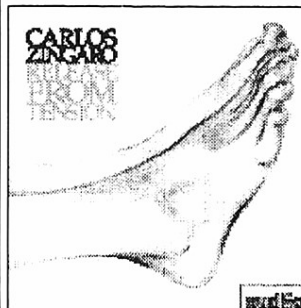
"Corne de Vache", o mais recente trabalho de Anna Homler, Geert Waegeman e Pavel Fajt, editado pela Victo, foi gravado ao vivo no 13º Festival Internacional de Música Actual de Victoriaville, no Canadá. Há neste registo uma maior aproximação ao formato canção do que em trabalhos anteriores, nomeadamente no brilhante "Macaronic Sines". Em alguns momentos há um abandono das incursões por novas linguagens, favorecendo o uso da língua inglesa e aproximando-nos, inevitavelmente, ao universo de Laurie Anderson. É de ter em consideração que, no trabalho de Anna Homler, as palavras são utilizadas essencialmente pela sua sonoridade, sendo a construção sonora o objectivo final e tornando-se irrelevante se a língua utilizada é a inglesa, a 'volapuk', a francesa ou outra. Assim, se os sons são decifráveis como palavras, o meio serviu apenas o fim da artista. Ao contrário do que aconteceu em "Macaronic Sines", um disco gravado em estúdio, com uma produção necessariamente mais cuidada, "Corne De Vache" surge como um momento de improvisação livre, provavelmente não havendo à partida um ponto de chegada bem definido ou um percurso musical a percorrer. E é pois precisamente nesta ausência de 'programa-a-cumprir' que "Corne De Vache" ganha toda a sua personalidade musical e encanto. Obrigatório! FN

INDUCING THE PLEASURE DREAMS  
Inducing The Pleasure Dreams  
CD Geometrik, 1996 — GR 10  
Radio Moog 96  
CD Geometrik, 1996 — GR 11

Sob o pseudónimo I.P.D. esconde-se o multi-instrumentista Justo Bagüeste. Este músico entregou-se em estúdio à exploração de sonoridades etéreas retiradas de instrumentos como o saxofone barítono, o electrone (espécie de órgão semi-electrónico), variantes do moog (o minimoog e o rádiomoog),

parafernália electrónica diversa e, até, de sons ambientais recolhidos em Madrid. Este projecto teve origem numa actuação do grupo Clónicos, com quem Bagüeste colaborou. Suso Saiz (um dos raros guitarristas que mais frequentemente é comparado ao mítico Robert Fripp) assistia ao concerto e, ao ouvir o bellissimo tema "No Puedo Dormir", quiz conhecer o seu autor. Comparando-lhe o estilo ao de Brian Eno, insistiu para que Bagüeste desenvolvesse um projecto discográfico, oferecendo-se como seu produtor. A tão excelente colaboração juntar-se-ia ainda a secreta (não creditada) participação do ambientalista Jorge Reyes. Editados pela Geometrik (casa-mãe dos Esplendor Geometrico) "IPD" e "Radio Moog 96" são dois discos autónomos, mas que quase se complementam. Juntos ou separados eles farão seguramente as delicias dos exigentes fãs de ambientalismo electrónico à maneira dos Cluster. LF

CARLOS ZÍNGARO  
Release From Tension  
CD audEo, 1997 — AUDEO 0197



Carlos Zingaro é considerado um dos mais importantes violinistas europeus, nas áreas da música improvisada e experimental. Editado pela audEo, o álbum "Release From Tension" será, no entanto, uma surpresa para quem o ouviu em "The Sea Between", "Écritures" ou "Solo — Monastère des Jérónimos". Gravado em estúdio, o seu novo disco revela uma nova faceta na carreira do músico. Isto, porque individualmente Zingaro nunca aprofundara tanto, no passado, a integração do violino com a electrónica. Depois, para além do uso do sampler, dos sintetizadores, das unidades de processamento, do computador e até da guitarra portuguesa, haverá que realçar o carácter 'gótico' da sua abordagem, confirmando o seu gosto pelo 'outro' lado das coisas, construindo atmosferas intensas e desconcertantes, passando pelos ritmos pós-industriais e pela pontuação cerrada do jungle. Entre o estranho imediatismo de "Current Directions..." (o único tema com voz) e a complexidade electro-acústica de "Desespero Ritual", a obra desdobra-se numa dúzia de temas, permitindo-nos interpretar distintos momentos que se confundem na celebração da vida e da morte. Disco polifacetado, "Release From Tension" merece ser re-descoberto em cada nova audição. LF

minimal · número 15 · Novembro 1997  
participaram neste número

Fernando Nogueira, Gonçalo Calheiros, Luís Freixo, Rui Eduardo Paes  
com o apoio de Digital-Foto

os artigos divulgados são comercializados por  
audEo · Av. Boavista, 1635-00 · 4100 Porto · Tel/Fax (02) 6097239  
NIPC 502667460 · CAE 51190 · CS 420000\$ · CRCP 49591

# minimal

folheto informativo sobre novidades audEo · No.15



O violinista português que ouvimos ao lado de Joëlle Léandre, Richard Teitelbaum e Daunik Lazro, o mesmo que participou recentemente na homenagem a Durutti protagonizada em Barcelona por Agustí Fernandez, tem um novo CD: **Release From Tension**. O trabalho está a causar surpresa nos meios europeus da improvisação, devido ao tipo de utilização da electrónica e aos ritmos de dança que nele surgem. "Haverá quem diga que este é um disco 'acessível' e que eu fiz concessões, mas é simplesmente o disco que me apeteceu fazer", disse Carlos Zingaro no início da conversa que com ele tivemos a propósito deste álbum entre o gótico e o irónico, com momentos de grande tensão e outros caracterizados pelo humor, se bem que negro, a maior parte das vezes.

MINIMAL: Porquê um disco gótico?

CARLOS ZÍNGARO: Não procurei que os temas reunidos em *Release From Tension* 'ilustrassem' a atmosfera gótica que encontro na literatura de terror dos fins do século XIX e início deste, ou em certa banda desenhada e ficção científica, mas essas referências existem em mim e surgem inevitavelmente. O meu trabalho só é ilustrativo quando componho para bailado ou teatro. Quando a minha música não tem de cumprir uma função cénica, não ilustro. Não há grande intencionalidade, pois apenas comecei a detectar nos materiais que utilizo essa ligação com o 'gótico'. É, de qualquer modo, um piscar de olho, nada de muito aprofundado. Até o título tem duplo sentido: nenhuma das peças do CD consegue libertar-se da tensão a que me refiro e, de resto, isso é para mim uma impossibilidade: sou hipertenso por natureza. Já me chamaram 'anarquista zen', mas só sou 'zen' na aparência: há um fervilhar constante dentro de mim.

MINIMAL: *Release From Tension* é o seu terceiro disco a solo e parece-me muito diferente dos outros. O que pretendeu fazer com ele?

ZÍNGARO: A música de *Solo — Monastère Des Jérónimos* foi criada para o espaço do Mosteiro dos Jerónimos e tinha isso em conta a cada momento. Fosse outro o local e seria diferente. *Musiques De Scène*, pelo seu lado, é uma recolha de peças compostas para espectáculos de dança e teatro. *Release From Tension* foi o primeiro disco que gravei com temas pensados propositadamente para este fim. É preciso ver que não sou um compositor

a tempo inteiro. Sou um compositor imediato, enquanto improvisador, e um compositor funcional. Interojo com outras linguagens, as dos músicos improvisadores com quem toco, ou as dos encenadores e coreógrafos que solicitam a minha colaboração. Neste disco, compus pela primeira vez sem compromissos, logo, estive mais à vontade para utilizar o meu 'eu', as minhas obsessões sonoras, tímbricas e temáticas.

MINIMAL : Há uma grande presença nele da electrónica...

ZÍNGARO : *Release From Tension* é um disco de 'laboratório' e, se não chega a ser de electroacústica, é mais elaborado e estruturado do que me é habitual. Cada vez me apetece mais compor com sons do que com notas. Este é declaradamente um trabalho de estúdio, impossível de reproduzir ao vivo. Ful ao extremo das possibilidades tecnológicas de que dispunha. Até o som do violino foi trabalhado e mastigado.

MINIMAL : Concorda se eu disser que se trata de uma obra conceptual?

ZÍNGARO : Talvez, embora tenha começado pela parte técnica. Os materiais são, na sua maioria, concretos e orgânicos. Foram poucas as sínteses que elaborei. A música concreta sempre me interessou. Nas minhas peças com electrónica há uma grande densidade e isso talvez aconteça por tocar um instrumento muito frágil, com pouco corpo — o violino. Quando fabrico outros sons, tenho tendência para as grandes massas sonoras e as baixas frequências. Em termos temáticos, procurei ser coerente com a minha vivência, sem me preocupar com escolas e tendências. O meu trabalho é idiomático, mas detesto a colagem demonstrativa. Os elementos dos vários idiomas musicais que possa utilizar misturam-se rapidamente, não são demasiado óbvios. Surgem-me, nas improvisações, a house, o noise, o pós-industrial. O minimal e o clássico 'escorregam' com os outros elementos. Alguns podem ganhar maior presença, mas depressa dão lugar a outros.

MINIMAL : Mas não será esse o caso de *Current Directions*, o tema jungle deste álbum que está a surpreender muita gente...

ZÍNGARO : *Current Directions* foi um acidente. Achei-o divertido e resolvi incluí-lo. O meu filho estava a contar histórias de fantasmas, inventadas por ele, liguei o gravador e acabei por utilizar alguns fragmento. É, aliás, o único tema integralmente composto.

MINIMAL : E os outros?

ZÍNGARO : Muitas coisas neste disco foram improvisadas. Depois trabalhei-as e inseri-as numa estrutura composicional. Editei e construí as minhas improvisações, transformando-as assim em composições.

*Incorrecto (O Erro de...)* é um exemplo de improvisação com edição posterior, mas que manteve o tipo de interacção de um duo de improvisadores. Falso, é claro, pois sou eu que toco os dois instrumentos, o violino e a guitarra portuguesa afinada incorrectamente.

MINIMAL : Neste CD, encontramos uma vertente que não está muito presente nos seus discos com improvisadores: pulsações, ritmos...

ZÍNGARO : De facto, é muito raro isso acontecer em situações de improvisação com outros músicos. Só que eu gosto da pulsação, do seu aspecto emotivo e visceral, embora ache que não deva ser constante.

Gosto de me surpreender e de tirar o tapete debaixo dos pés do ouvinte.

MINIMAL : Noto também que há uma grande presença da melodia...

ZÍNGARO : Isso tem a ver com o instrumento que eu toco. A abstracção

permitida pelos sons concretos fascina-me, mas optei por utilizar o meu léxico e as minhas referências sem me inserir em nenhuma tendência da electrónica. São as bases da composição convencional que eu adapto, com melodia e desenvolvimento. Acho que a minha aproximação à electrónica foi influenciada por Morton Subotnick, que é muito figurativo e melódico. Mesmo quando trabalho com sons deformados, desmembrados e esmagados a figura, o corpo, está lá.

MINIMAL : O disco começa com uma orquestra sinfónica a afinar os instrumentos. Há aqui alguma ironia?

ZÍNGARO : Há, sobretudo, uma duplicidade de sentimentos. O que seria eu, hoje, se nunca tivesse ouvido John Cage, Jimi Hendrix e Ornette Coleman? Ter-me-ia tornado um concertista, um solista de violino? É curioso, mas nos últimos tempos fiz as pazes com alguma da música clássica, com a qual rompi há cerca de 25 anos.

MINIMAL : Há referências a certas músicas étnicas ou populares em *Release From Tension*. Por alguma razão especial?

ZÍNGARO : Em criança, ouvia muito as estações de rádio árabes. Ficava deslumbrado. Hoje, entro em jogos que passam pelo aproveitamento de certas expressões tradicionais, como as cordas do Norte de África, por exemplo. É como se uma janela se abrisse na minha música e entrasse uma cantoria vinda de um mercado algures no mundo. Tenho um certo prazer nostálgico nisso. [Rui Eduardo Paes]



CHRIS BURN  
Music For Three Rivers  
CD Les Disques Victo, 1997 —  
VICTOCD 050

Chris Burn talvez seja o pianista mais original (leia-se: individualista) da actual improvisação britânica, e digo-o apesar de no Reino Unido já haver alguém como Keith Tippett, que introduziu lirismo e poesia numa tendência conhecida pela sua agressividade expressiva. Distanciando-se da tradição pianística do jazz e da livre-improvisação, o autor de "Music For Three Rivers" regressa às técnicas extensivas propostas por Henry Cowell nos anos 30 e daí parte para situações dificilmente catalogáveis mas que, de qualquer modo, tem mais a ver com a tradição do experimentalismo do que com a da música improvisada enquanto tal. Mesmo nessa linhagem, seja como for, Burn marca uma diferença, pois prepara o piano não antes mas enquanto toca e consoante as ideias que lhe são suscitadas pelo acaso, optando por pequenas percussões em vez de molas ou pauzinhos chineses. Nas suas mãos, o instrumento inventado no século XIX por Cristofori torna-se quase monofónico, à maneira de Thelonious Monk, pois concentra-se totalmente numa gama muito específica de sons, só a largando quando acha que está suficientemente explorada. O seu objectivo é muito claro, "reduzir o piano a um objecto", e a verdade é que pouco tem de 'sedutor', preferindo uma abordagem lúdica. Para

todos os efeitos, é um pesquisador de sons que aqui encontramos, não um 'compositor' com elaboradas noções de 'beleza' estética. Desenganem-se desde já, pois, os que gostam de música bonitinha... REP

EUGENE CHADBOURNE & PAUL LOVENS

Patrizio

CD Les Disques Victo, 1997 — VICTOCD 046

Eugene Chadbourne é um dos músicos mais problemáticos deste fim de século e século-á também no início de século (e milénio, já agora) que se avizinha. O seu caso particular não é, pois, particularmente significativo de um qualquer 'spleen' marcado pelo fim da época (de transição?) em que vivemos e a angústia que nos toma por não sabermos ao que vamos. A verdade, porém, é que em nenhum outro período da história humana e da música sei onde o posso colocar. Há algo de renascentista nele, admito, ou até mesmo de barroco, mas a sua tendência para 'desfazer' durante o acto da criação só podia ter lugar nestes anos de fogo e cinza — enfim, mais cinza do que fogo, pois infelizmente já desapareceram as nossas grandes motivações existenciais (a guerra fria, o comunismo-papão, as ditaduras fascisto-militares, o colonialismo) e, verdade se diga, a pedofilia não é particularmente mobilizadora depois dos 'casos' Serge Gainsbourg e Woody Allen.

Adiante. Chadbourne é o típico exemplo do génio desastrado. Desde que integrou o projecto Shockabilly tem a insensata obsessão de aprender a tocar bebop o que, está bem de ver, nunca conseguiu. Para além dessa, tem outra mania: fazer canções e, pior ainda, interpretá-las ele próprio, apesar da voz de batráquio que Deus lhe deu. O engraçado é que a sua declarada falta de vocação para estas lides o tornam único na cena musical contemporânea. E não necessariamente porque faltem por aí cantores medíocres e 'boppers' de trampa... Acontece, apenas, que ele o faz com graça e até com encanto. Agora que a forma-canção foi estilizada pela pop e pelas altas tecnologias de estúdio, é até fundamental que alguém ainda nos possa cantar temas imperfeitos — torna-se, de resto, evidente que Eugene Chadbourne exagera as suas incapacidades neste domínio, com o seu tortuoso sentido de humor. Por outro lado, que bom é ouvir tocar mal o jazz académico, quando tantos universitários saem das aulas com os 'standards' na ponta dos dedos e da língua, como 'robots'... Já o country & western é-lhe natural. Diga-se até que dificilmente encontramos músico mais americano do que este. Chadbourne injecta a sua nacionalidade em tudo o que faz, inclusive quando improvisa, desmentindo a noção defendida por Derek Bailey (com quem, aliás, tocou várias vezes) de que a improvisação não tem idioma. Faça aquilo que fizer, o autor de "Country Protest" toca 'americano' e isso até quando dá porrada na 'american way of life' e nas instituições do Tio Sam. Com as guitarras (acústica e eléctrica), o banjo e o dobro, instrumentos tradicionais do Novo Mundo (se é que nos Estados Unidos há uma tradição: o país dos cachorros quentes e da Disneylândia ainda não tem idade para isso), Eugene salta de linguagem para linguagem com a maior das desenvolturas, indiferente às convenções e às conveniências, podendo 'aterrar' em pleno speed metal ou em algo muito próximo da música concreta. Já lá vão os tempos em que tocava 'coisas' como o seu célebre aninho de jardim eléctrico. Eugene Chadbourne descobriu que podia fazer